

Letras

nº 55

Literatura popular
e seus circuitos associados

Letras / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e
Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. - Nº 1, jan./ jun.
(1991) - _____. Santa Maria, 1991 - _____.

Semestral

Vol. 27, nº 55 (jul./dez. 2017)

ISSN 1519-3985

1. Literatura. 2. Literatura – Periódicos. 3. Linguística.

I. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. II. Centro de Artes
e Letras – CAL. III. Programa de Pós-graduação em Letras.

Ficha catalográfica elaborada por Fernando Leipnitz CRB-10/1958
Biblioteca Central/UFSM

Literatura popular e seus circuitos associados

Lawrence Flores Pereira (UFSM)
Carlos Nogueira (IELT, FCSH, UNL / Universidade de Vigo)
Geice Peres Nunes (UNIPAMPA)
(organizadores)

Nº 55, JULHO/DEZEMBRO DE 2017
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul

ISSN 1519-3985

Letras | Santa Maria | v. 27 | n. 55 | p. 1-232 | jul./dez. 2017

Reitor

Paulo Afonso Burmann
Diretor do Centro de Artes e Letras
Pedro Brum Santos
**Coordenadora do Programa
de Pós-Graduação em Letras**

Cristiane Fuzer

Comissão Editorial

Anselmo Peres Alós (Editor-Chefe)
Gil Roberto Costa Negreiros
Tatiana Keller

Conselho Editorial

Amanda Eloina Scherer (UFSM)
Aracy Ernst Pereira (UCPel)
Beatriz M. Eckert-Hoff (UNIVÁS)
Brian Street (King's College London, England)
Carmen Rosa Caldas-Coulthard (University of
Birmingham, England)
Charles Bazerman (University of California, Santa
Barbara, USA)
Christian M.I.M. Matthiessen (Hong Kong Polytechnic
University, Hong Kong)
Claudete Moreno Ghiraldelo (ITA)
Cristiane Pereira Dias (Unicamp)
Désirée Motta Roth (UFSM)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP)
Eurídice Figueiredo (UFF)
Freda Indursky (UFRGS)
Gesualda Rasia (UFPR)
Glaís Sales Cordeiro (Université de Genève)
José Luís Jobim de Salles Fonseca (UERJ)
Lúcia Helena Martins Gouvêa (UFRJ)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)
Malcolm Coulthard (University of Birmingham, England)
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)
Marcia Azevedo de Abreu (Unicamp)
Maria Cleci Venturini (Unicentro)
Maria da Glória C. Di Fanti (PUCRS)
Maria José R. Faria Coracini (Unicamp)
Moises Perales Escudero (Universidad de Quintana
Roo, México)
Raquel Salek Fiad (Unicamp)
Regina Ritter Lamprecht (PUCRS)
Regina Zilberman (UFRGS)
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
Roberto Acízelo de Souza (UERJ)
Sheila Elias de Oliveira (Unicamp)
Ursula Wingate (King's College, London, England)
Valdir Prigol (UFFS)

Preparação e Revisão de Texto

Anselmo Peres Alós • Gil Roberto Costa
Negreiros • Tatiana Keller • Grámmatos Jr. •
Elivelton Pacheco Luza • Larissa Garay Neves
Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
Evandro Bertol

Periodicidade: Semestral

Editora

**PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação, Letras e Biologia
Prédio 16, Sala 3222 – Bloco A2.
Campus Universitário – Camobi.
97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil
Fone: 55 3220 8359
Fone/fax: 55 3220 8025
e-mail: periodicoletras.ufsm@gmail.com
www.ufsm.br/periodicoletras

Política Editorial

Letras, Periódico Científico, compila artigos resultantes de pesquisa científica original de caráter significativo para as áreas dos Estudos Linguísticos e Literários. Essa publicação tem periodicidade semestral desde 1991 e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cada publicação fica sob a responsabilidade de pelo menos um pesquisador vinculado ao PPGL que assume a função de organizador. Os artigos enviados devem atender à chamada temática e são avaliados, anonimamente, por dois membros do conselho editorial e assessorados, se necessário, por parecerista *ad hoc* (sobretudo em caso de empate).

Letras publica artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que podem ser escritos em português, francês, espanhol ou inglês. Para artigos escritos em português, Título, Resumo e Palavras-chave devem aparecer em português e inglês. Para artigos escritos em outras línguas, Título, Resumo e Palavras-chave devem ser escritos na língua do artigo e em inglês, exceto aqueles em que o texto está em inglês. Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outro periódico. Ficam concedidos à Revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.



Esta publicação conta com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Esta publicação conta com o apoio do Edital Pró-Revistas da PRPGP-UFSM.

Sumário

Apresentação	7
Lawrence Flores Pereira • Carlos Nogueira • Geice Peres Nunes	
Incidências da morte no cancionero oral infantil português	15
Carlos Nogueira	
O “demo” rosiano - entre a poesia popular e o romantismo alemão	27
Kathrin H. Rosenfield	
<i>Juliana e Dom Jorge: tradição e transformação</i>	43
Maria Alice Ribeiro Gabriel	
Chaucer Criollo: o recurso à poesia e à música popular na tradução dos <i>Contos da cantuária</i>	73
José Francisco Botelho	
O ser, a terra e o céu: um olhar bachelardiano para a imaginação poética no improviso do repente na cantoria de viola	87
Marcelo Vieira da Nóbrega • Beliza Áurea de Arruda Mello	
As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas	109
Maria do Socorro Galvão Simões • Cristiane do Socorro Gonçalves Farias	
A obsolescência da literatura de cordel: aspectos de escrita e oralidade	129
Valdemar Valente Júnior	
Da poesia oral ao cordel: nota sobre a transformação narrativa na poesia popular nordestina	143
Lawrence Flores Pereira	
A poética popular e social de Patativa do Assaré	173
Renata Carvalho Nogueira	
Campos e pertencas na bio/grafia de um poeta popular: o caso Manoel Camilo dos Santos	195
Geice Peres Nunes	
Resenhas	213
Resenha de <i>Lyric in the Renaissance</i>, de Ullrich Langer	215
Marcus De Martini • Andrio J. R. dos Santos	
Resenha do livro <i>Lyrics Texts and Lyric Consciousness</i>, de Paul Allen Miller	221
Marcus De Martini • Daniella Bibi Paez Coelho	
Sobre os Autores	227

Apresentação

O interesse do atual volume incide sobre dois objetos: o primeiro deles é a própria narrativa e poesia popular, entendida aqui não apenas como literatura oral, mas como o conjunto de narrativas, orais, escritas e impressas que pertencem ao domínio da cultura folclórica ou de seus resquícios e desenvolvimentos no interior de outras culturas não-agrárias. O segundo deles é o estudo dos circuitos associados entre a tradição narrativa oral, popular e agrária, a alta cultura e a cultura contemporânea. Interessa-nos aqui, primeiramente, as mediações entre as antigas formas da cultura literária oral ou escrita “popular” e outras formas de arte ou práticas literárias que não podem ser consideradas, *stricto senso*, pertencentes a antigas tradições folclóricas ou populares. Ainda assim, embora estejamos particularmente interessados nessa comunicação entre formas diversas, nosso alvo último é a própria literatura popular, privilegiando assim, na circularidade entre as duas tradições, os pontos de conexão e as influências. Historicamente, existe uma interação constante entre as chamadas “alta cultura” e “baixa cultura” que de modo algum remonta apenas à emergência do pensamento nacionalista de pensadores como Johann Gottfried Herder, que influíram indiretamente no interesse e na própria criação dos estudos folclóricos. Carlo Ginzburg, em *O queijo e os vermes*, sublinhou a importância da noção de circularidade presente no pensamento de Bakhtin sobre as relações entre a cultura subalterna e a cultura dominante na Europa.

7

Entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do “conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa” que foi atribuído por certo crítico).¹

Essa circularidade recíproca já era conhecida de Propp, que postulava em seu livro *A natureza do Folclore* a existência de um “puro folclo-

1 GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, p. 10.

re”, ou seja, folclore tanto pela sua origem como por sua transmissão; e um segundo caso: o folclore que tinha origem literária, ou seja, folclore pela transmissão, mas que é literatura pela sua origem.”² A reflexão de Propp voltava-se aos processos de transformação cultural, não apenas ao estudo da cultura agrária, e sublinhava que o folclore existira antes da emergência da cultura camponesa. O folclore, de um modo ou de outro, teria preservado algo que as transformações pós-medievais da cultura – incluídos aqui o Renascimento, o letramento, a imprensa, a transmissão escrita, a cultura industrial e urbana e a racionalidade – haviam gradativamente apagado ou substituído. Quaisquer que tenham sido os exageros de Bakhtin no estudo da cultura medieval, sua percepção comunitária de um mundo “carnavalesco”, de tradições que foram arruinadas pela História pelo menos a partir da Reforma Religiosa, é, ainda hoje, inspiradora para entender alguns dos aspectos mais enigmáticos da cultura popular no Medievo, mas também permite compreender os escritores “cultos” do período.

8

No Medievo, quando a cultura erudita não tinha uma expansão considerável e era modesta e restrita e dependente da reprodução manual por escribas, outra cultura se desenvolveu ao seu lado, baseada na memória, na oralidade, em práticas e cultos milenares, com suas formas, seus versos, seus heróis, uma cultura que era, aliás, onipresente e não necessariamente uma cultura *apenas* das classes subalternas. Era a cultura do povo, das gentes, ainda que dificilmente essa cultura pudesse ser considerada equivalente à noção moderna de povo, em qualquer uma de suas variações. Até mesmo o impacto da estilística do fino amor nos romances de cavalaria era capaz de escutar essa “oralidade viva” que se faz ver, por exemplo, no octossílabo francês. Por outro lado, nem tudo o que parece conter, para nossa percepção e gosto atuais, certo sabor que associamos ao gosto da poesia popular era de fato *apenas popular*. Exemplo disso é a poesia dos *Mysteries* no teatro inglês ou ainda as narrativas de Chaucer ou de Bérout. Mas cumpre estar atento ao fato de que, antes da invenção do soneto, do madrigal e de outras formas, da hiperestilização do *Dolce Stil Nuovo* ou ainda das transformações no próprio romance medieval francês rumo a novos ideais estilísticos quintessenciados, essas delimitações não eram claras e uma leitura tanto de

2 PROPP, Vladimir, MARTIN, Ariadna Y., and MARTIN, Richard P. *Theory and History of Folklore*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. Accessed March 2, 2018. ProQuest Ebook Central, p. 9.

Chaucer, de Villon, para dar aqui apenas dois exemplos, revelam essa circularidade recíproca entre os dois níveis. É importante observar, contudo: a circularidade não levava jamais a uma fusão que resultasse na indistinção, mas era um comércio em que cada parte mantinha o que era essencial nas suas características.

No entanto, essa relação feita de conexões, vasos comunicantes, sutis apropriações e continuidades, sofreu alterações e censuras pelo menos a partir do Renascimento, justamente no momento em que Rabelais escreve seu *Gargantua*. A separação entre “alta cultura” e “baixa cultura” (e alta literatura e baixa literatura) obviamente nunca se realizou inteiramente, mas entre uma e outra criaram-se uma infinidade de variações e gêneros intermediários. Em alguns países como a Inglaterra esse fenômeno ocorreu pelo impacto da expansão da leitura e do acesso ao livro no século XVII, à escolaridade e ao ensino superior que, comparativamente com períodos anteriores, se desdobrou graças à expansão dos *grammar schools*. No entanto, é a invenção da imprensa que propulsiona, cada vez mais, o desenvolvimento de práticas de leituras e práticas de composição mais impactadas por elementos heteróclitos antes ausentes no caldo comum da cultura poética medieval, calcada sobre a forma versificada, a memória e a oralidade. Na *Primeira Modernidade* (Renascimento tardio) ocorreu, na Inglaterra e na Espanha, a emergência espetacular do teatro entre o final do século XVI e início do século XVII. Esse fenômeno foi em grande parte fruto da gigantesca apropriação cultural “anômala”, “estrangeira” que a invenção dos tipos móveis proporcionou, criando uma transmissão textual nunca antes vista. O heteroclitismo da obra teatral de Shakespeare, que traz, a cada peça, um número impressionante de “citações” de outros textos, referências indiretas, revela um conjugado de leituras de diversos gêneros em cujas formas e conteúdos não se pode mais vislumbrar claramente o “espírito da oralidade poética”, ainda que Shakespeare soubesse também evocá-la e imitá-la.

Outro exemplo: de um repertório ibérico³, as influências podem ter chegado através de *pliegos sueltos* ou mesmo pela literatura de Miguel de Cervantes e sua maestria em reunir as formas contrastantes do erudito e do popular, traço que não se radica apenas em *Dom Quixote* (1605 – 1615), mas que, de forma mais enfática, cede o

3 Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. João Pessoa/PB: Editora Universitária UFPb, 1979, p. 16.

total protagonismo ao popular no gênero teatral entremez. De literaturas em português, permanecem as xácaras, as cantigas e a tradição dos romances e dos cancioneiros. Por isso, as composições compiladas por Garret, Teófilo Braga e outros estudiosos, firmam-se como veículo para fruição da poesia mnemônica e tradicional, mas, para além disso, convertem-se em modelos representativos para uma poesia brasileira cultivada à margem do cânone e, também, para uma crítica, que parece especializar-se a partir de Luís da Câmara Cascudo e a publicação de *Vaqueiros e Cantadores* (1939), *Literatura Oral no Brasil* (1952), *Cinco livros do povo* (1953); estudos que atualizam a forma de ver o popular. Formado o hábito, gerações subsequentes de pesquisadores brasileiros ou brasilianistas estrangeiros recontam essa história amparados pela voz dos poetas populares, e munidos por teorizações e métodos da antropologia, da história e/ou da literatura. É, sobretudo, da vertente crítica baseada nesses romanceiros, cancioneiros e antologias, lidos por eruditos e populares, que, hoje, o olhar sobre o popular se renova.

Inspiramo-nos nessa rica história para propor o atual volume, ao mesmo tempo sem esquecer que, na contemporaneidade, os desafios e os impasses são inteiramente diferentes. O atual volume propõe justamente a exploração dessa troca constante, conflituosa sem dúvida, mas viva. Os circuitos associados que se ligam à literatura popular possuem esse sentido e sugerem a pergunta de como, inversamente, a poesia ou mesmo a “cultura” popular – essa sobrevivência curiosa de práticas e formas antigas de contar – reemerge em certo momento da história e nutre outras áreas de conhecimento – narrativas ou não – ou ainda produz impasses ideológicos.

Na *Revista Letras* e, muito em particular, neste número, privilegiamos a comparação de métodos e técnicas de pesquisa, bem como as linguagens de diferentes disciplinas e o confronto de pontos de vista que conduza à reflexão. Não substituímos o contexto pelo texto, nem este por aquele; colocamos os discursos na sua realidade social, histórica, política e econômica, eliminando a cisão entre o atual e o antigo, o singular e o geral, o conjuntural e o estrutural. Os textos criam e resultam de campos sociais em movimento. É assim com os relatos coligidos pelos vários cientistas sociais, dos mitos aos contos e às lendas ou dos romances e dos poemas do cancionero oral aos grafitos e aos provérbios, os quais fazem, desfazem e refazem o mundo.

Partimos de quatro universos essenciais e interdependentes: o da realidade, situando os textos e fenômenos estudados no respectivo contexto; o da história, pois o social e o literário são consubstanciais ao tempo; o dos agentes, que têm capacidade para ressituar e ressignificar a realidade, em processos de reinscrição e incorporação; e o da linguagem, porque a literatura só o é se for palavra, ou forma e conteúdo, *memorável*. Recusamos as zonas de exclusão e preconceito; move-nos a convicção de que ramos do saber com tanto em comum não podem ignorar-se.

Neste volume, reúnem-se diferentes estudos sobre literatura oral e popular apresentados em suas interfaces com circuitos aos quais se associam. O primeiro artigo ingressa no terreno do popular pelas vias de um estudo da produção portuguesa corporificada no cancionero oral infantil. Esse gênero de largo percurso se atualiza em produções contemporâneas e evidencia a sua persistência na literatura, porém, nessa constituição, o autor Carlos Nogueira ressalta o modo como as produções atuais obliteram os temas considerados inadequados para o público infanto-juvenil. É assim que a morte, seus símbolos e metáforas, antes presentes nas adivinhas e outras composições orais, é apagada e, devido a essa postura protetora, desaparece a possibilidade de amadurecimento infantil quando tramas e temas associados à vida efêmera, ao envelhecimento e à morte são ocultados. Nesse sentido, o autor desenvolve o tema defendendo a sua presença pelo caráter ético e sapiencial da morte.

Com um estudo situado no contexto ibérico, a perspectiva historiográfica do artigo de Maria Alice Ribeiro Gabriel desenvolve uma investigação pautada na literatura oral tradicional que analisa os processos pelos quais certos romances tradicionais como *Juliana e Dom Jorge* sobrevivem de maneira residual e, em vários casos, emergem como temas ou matérias intertextuais, permitindo serem identificados nas suas ressignificações ou reescrituras contemporâneas. Nesse estudo, a autora dá mostras do trânsito de versos e temas, desde os modelos de composições cultas que se mantêm por tempos no seio do popular até as expressões literárias afeitas à “essência de brasileiro”, que retornam ao campo da literatura canônica, revisadas, reavaliadas e reparadas em relação a estigmas e preconceitos a elas inculcados.

Em uma interface filosófico-literária, Marcelo Vieira da Nóbrega e Beliza Áurea de Arruda Mello exploram a espacialidade sertaneja expressas na atmosfera e no conteúdo da cantoria de viola. Os autores estudam o imaginário expresso com símbolos e elementos naturais que

constituem o cerne da literatura popular do Nordeste do Brasil: a terra árida, o ar seco, a água escassa. Observando esses elementos como mote, o autor se vale dos repentes para fazer uma revisão de homogeneizações que transpõem a existência ao firmarem-se como matéria poética oriundas da quilo que o autor chama de “psiquismo imagético” expresso na performance e no improviso dos repentistas.

Maria do Socorro Simões e Cristiane Farias apresentam um estudo de narrativas orais de crianças. No estudo das pesquisadoras, o imaginário popular ressurgue na voz das crianças, que se tornam elas próprias narradoras orais que se exercitam na arte de contar no contexto geográfico da região amazônica. As histórias narradas pelas crianças ganham enfoques peculiares e sequências que destoam de versões contadas por adultos.

12

Lawrence Flores Pereira apresenta um estudo sobre a passagem da literatura oral nordestina para a literatura de cordel, concentrando-se no chamado ciclo do boi, apresentando uma análise estilística de como o constante aporte de textos não-orais provoca uma alteração do ponto de vista, da temporalidade e da própria natureza da antiga história de bois fugidios no Nordeste brasileiro.

Concentrados na literatura de cordel, três estudos retomam o gênero por meio de olhares que investigam poetas e poesia popular em consonância com a dinâmica da literatura erudita. Valdemar Valente Junior analisa o que denomina obsolescência do cordel, por meio de uma reflexão que revisa a trajetória do gênero. Observa-o desde a concepção como “expressão de um povo” que, com o passar das décadas, conquista espaços de reconhecimento, interesse acadêmico e, também, midiático. Na emancipação do cordel, o autor ressalta que a literatura extrapola o meio oral e semiletrado que a sustentava para circular em espaços considerados de prestígio. Por outro lado, seu estudo aponta para um fazer poético que, na atualidade, parece descaracterizar-se e perder a aura.

No artigo pautado na produção artística de Manoel Camilo dos Santos, Geice Peres Nunes retoma a poesia popular pelo seu avesso e mostra as tramas e artifícios do poeta e editor, realizadas no seio de sua produção – folhetos em contracapas e miolos – para ganhar espaço no campo consagrado da literatura culta. Em uma linha bastante próxima, Renata Carvalho Nogueira baseia-se na poesia de Patativa do Assaré para investigar os aspectos sociais que a envolvem. Nessa abordagem,

atribui ao poeta popular o caráter de porta-voz de seus conterrâneos, ao expressar-se em versos sobre direitos humanos. Em sua grande potência retórica, é outro poeta de destacado interesse no meio acadêmico.

Na relação entre a literatura popular e a literatura culta, José Francisco Botelho propõe um diálogo entre composições de diferentes matrizes, combinando, de forma original, a tradução de Geoffrey Chaucer com as referências populares que perpassam a literatura oral tradicional incorporada à contística de João Simões Lopes Neto, Jorge Luís Borges e Hilario Ascasubi; também, a ritmicidade do *spayadores*, cantores regionalistas sul-rio-grandenses e, ainda, nordestinos. Através dessas presenças nas entrelinhas de sua tradução, reconfigura, com o aporte popular, a escrita “medieval” de Geoffrey Chaucer para o público contemporâneo através de uma linguagem que aproveita as “distorções sutis” que são comuns aos aportes estilísticos medievais e folclóricos-orais.

Kathrin Rosenfield, retomando suas pesquisas já realizadas em *Desenveredando Rosa* e outras produções, observa o popular em diferentes camadas da obra rosiana. Temas, contextos, linguagens e expressões de um “idioma rosiano” são evocados para dar mostras da sobreposição do simples e do complexo, do popular e do erudito, do amálgama filosófico-literário que seu estudo minucioso possibilita apreender.

O número conta, ainda, com duas resenhas: *Resenha de Lyric in the Renaissance: From Petrarch to Montaigne*, de Ullrich Langer, de autoria de Marcus De Martini e Andrio J. R. dos Santos; a resenha de *Lyrics texts and lyric consciousness*, de Paul Allen Miller, com autoria de Marcus de Martini e Daniella Bibi Paez Coelho.

Os estudos que compõem este número exemplificam a pluralidade que envolve a literatura popular como campo de conhecimento. Nesse sentido, as análises aqui presentes são um convite para adentrar nesse campo tanto por vias que percorrem a origem, como por aquelas que perpassam as adaptações e seleções, incluindo associações mais distanciadas cuja teia oral, complexa, da poesia popular ainda inspira e sugere.

Lawrence Flores Pereira

Carlos Nogueira

Geice Peres Nunes

(organizadores)

